

Isabella Batalha Muniz Barbosa

É arquiteta urbanista e doutora em paisagem e ambiente

As cidades se expandem com paliativos, e com jeitinho vai-se empurrando a marca do moderno atraso brasileiro para as futuras gerações

O jeitinho urbano

O “jeitinho” é o drible constante nas soluções formais que favorece a informalidade generalizada. Um atributo histórico das classes dominantes desde a Colônia, que ganhou reforço nas contradições entre ordem liberal formal e a realidade pós-escravista. Os antropólogos Roberto daMatta e Roberto Schwarz teorizaram o “jeitinho” brasileiro instituído nacionalmente, uma forma de burlar o sistema, de ganhar a vida sem se submeter às normas.

O jeitinho consolidou-se no país de diversas formas: a malandragem, o tapinha nas costas, e em expressões da hierarquia dominante, tais como: “você sabe com quem está falando?”. O resgate antropológico talvez possa explicar determinadas situações contemporâneas, onde o jeitinho em qualquer setor e se impõe.

Ressalta-se aqui o contexto urbano: 1) a Praça do Cauê, projeto formalmente instituído como praça, mas que com “jeitinho” foi se tornando uma espécie de rotatória de acesso à 3ª Ponte; 2) a Av. Leitão da Silva em obras para implantação do BRT (corredor exclusivo de ônibus), nem com um jeitinho de desviar o tráfego para vias secundárias amenizou o transtorno causado, dificultando a mobilidade

urbana do eixo norte/sul metropolitano e trazendo sérios prejuízos ao comércio local; 3) o histórico e monumental traçado da Reta da Penha foi desviado para uma “curva” com a finalidade única de adequar-se ao fluxo de acesso do prédio da Petrobrás, o que notadamente mostra a inobservância de normas para sua implantação, pois certamente restrições ao patrimônio histórico urbano deveriam constar no Estudo de Impacto Ambiental.

A Praça do Cauê, a Av. Leitão da Silva e a Reta da Penha compunham uma tríade de relevância no escopo de um planejamento de longo prazo – o Plano Novo Arrabalde (1896) – projetado pelo engenheiro Saturnino de Brito, onde estética, funcionalidade e paisagem convergiam de forma equilibrada. Hoje, entretanto, tais elementos urbanos sofrem ameaças, e por vezes, não se viabilizam nem como espaço público para fruição de lazer e da paisagem e nem mesmo como soluções efetivas para a mobilidade urbana, ou seja, ficam restritos ao jeitinho de acomodar alternativas para a complexidade dos problemas urbanos.

Enquanto a praça se asfixia à espera da implantação do BRT, o tráfego nas imediações da 3ª Ponte aumenta consideravelmente. O tempo-caminho do planejamento invariavelmente é inferior à dinâmica urbana. E assim, as cidades se expandem com paliativos que não derivam de um planejamento criterioso de longo prazo, e com jeitinho vai-se empurrando a marca do moderno atraso brasileiro para as futuras gerações.